

PRAZERES DISSIDENTES: PORNOGRAFIA GORDA NAS REDES DIGITAIS

Maria Luisa Jimenez Jimenez¹

Resumo

Este artigo parte do debate acerca dos corpos gordos femininos, marcados pelo discurso normatizado socialmente, no qual a magreza é o cânone vigente. Quando um corpo não está dentro desse padrão, ou seja, corpo magro, tido como belo e saudável, é estigmatizado, sendo considerado feio, assexuado, anormal, doente, nojento, portanto, excluído socialmente. Esta discriminação é conhecida como gordofobia, preconceito que leva à exclusão social. Contudo, os prazeres dissidentes construídos por mulheres gordas no mundo virtual da pornografia nos chamam a atenção para novas práticas e desejos que transbordam a sexualidade heteronormativa e propõem novas práticas sexuais. Com o objetivo de compreender a sexualidade mediada digitalmente com corpos dissidentes, no caso, acompanhei plataformas específicas, recolhi depoimentos sobre a sexualidade de algumas mulheres gordas e entrevistei atrizes *super size* nas redes digitais. Na análise realizada, foi possível perceber o corpo gordo feminino considerado "abjeto" transformando-se em um corpo de/para deleite, prescindindo da relação falocêntrica e encontrando, por contrassexualidade, existência, resistência, desejo e prazer.

Palavras-chave: Mulheres Gordas. Pornografia Gorda. Cibercultura. Feminismo. Prazeres Dissidentes.

Dissident pleasures: Fat pornography in digital networks.

Abstract

This article debates about female fat bodies, marked by a socially standardized discourse in which thinness is the contemporary canon. When a body does not fit this pattern, that of a thin body, considered beautiful and healthy, it is stigmatized, seen as ugly, asexual, abnormal, sick, disgusting, therefore, socially excluded. This discrimination is known as fatphobia, a kind of prejudice that leads to social exclusion. However, the dissident pleasures built by fat women in the virtual pornography world call our attention to the new practices and desires that overflow heteronormative sexuality and propose new sexual practices. In order to understand digitally mediated sexuality with dissident bodies, in this case, fat women. I have followed them in specific platforms, collected testimonies about the sexuality of some fat women and interviewed super sized actresses on digital networks. In the analysis, it was possible to perceive the fat female body seen as "abject" becoming a body of/for delight, without the phallogocentric relationship and finding, per counter-sexuality, existence, resistance, desire and pleasure.

Keywords: Fat Women. Fat Pornography. Cyberculture. Feminism. Dissident. Pleasures.

¹ Professora Doutora Pesquisadora Ativista da Universidade Federal do Mato Grosso, malujjimenez@hotmail.com.

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

1. Introdução

Com o advento da Internet nas sociedades contemporâneas, a pornografia tem se utilizado de inúmeras plataformas para a divulgação e o comércio de corpos sexualizados.

Segundo pesquisas realizadas por uma das maiores plataformas de pornografia no mundo, *Pornhub*², em 2019

[..] houve mais de 42 bilhões de visitas, o que significa uma média de 115 milhões de visitas por dia. Foram realizadas mais de 39 bilhões de buscas, representando 8,7 bilhões a mais de pesquisas do que no ano passado. Além disso, durante este ano houve um número recorde de envios de vídeos: mais de 6,83 milhões de novos vídeos foram publicados na plataforma. (CANALTECH, 2019).

A respeito dessa busca por pornografia na Internet, Figueiroa (2014) aponta, em suas pesquisas, que mulheres gordas despontam dentro desse mercado mais do que se poderia imaginar.

A autora se surpreende com a prática desses corpos marginalizados e excluídos em sociedade, e que, dentro do âmbito privado e exclusivo que a Internet proporciona, são procurados e escolhidos para o prazer sexual:

A ideia de que o sexo com mulheres gordas é uma exotização fetichista é fruto de uma interpretação que exorta o desvio tanto dos corpos quanto daqueles que consomem a pornografia gorda. Ao contrário desta atmosfera fetichista, talvez devêssemos extrair o exotismo sobre o desejo por pessoas gordas. É o que se pode observar nas comunidades de autoaceitação e empoderamento deste grupo, onde um novo *ethos* erótico se insurge, com uma igualmente nova economia sexual positiva. (FIGUEIROA, 2014, p. 12).

Segundo Figueiroa, o desejo erótico por mulheres gordas tem uma ligação com os excessos, além de o corpo grande, a superabundância alimentar. “Uma grande porção de filmes pornográficos com mulheres gordas trazem a comida como elemento potencializador do ato sexual, normalmente protagonizados por atrizes consideradas *Super Sizes*.” (FIGUEIROA, 2014, p. 116).

A gordofobia é uma discriminação, preconceito que leva à exclusão social e nega acessibilidade às pessoas gordas. Este

²*Pornhub* é um site canadense, considerado uma das mais populares plataformas de vídeos eróticos do mundo, com cerca de 100 milhões de pessoas que acessam o site com frequência.

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

estigma é estrutural e cultural, transmitido em muitos e diversos espaços e contextos sociais na sociedade contemporânea. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p. 2).

Numa pesquisa maior sobre o que mulheres gordas consomem, a discussão do desejo sexual e da vida sexual aparece com frequência em seus depoimentos, como praticam e com quem praticam, suas preferências e escolhas em suas práticas sexuais surgem em alguns grupos na Internet, ou em conversas/entrevistas nas redes. Junto a esses depoimentos, surgiu a ideia de investigar o que se encontraria dentro da cibercultura sobre sexualidade gorda.

Nas narrativas dessas mulheres, optei por usar nomes fictícios, já que o anonimato foi exigido como regra para que conversássemos sobre o assunto nas redes digitais.

Sempre quis ser desejada na frente de outras pessoas, na minha adolescência gorda, meninos transavam comigo e pediam para que eu fizesse sexo oral neles e eu gostava e fazia, mas sempre era escondido, sentia que eles me desejavam, desde que ninguém soubesse, porque eu era gorda e feia, mas eles gozavam e gostavam, sempre me procuravam, me ofereciam dinheiro, mas desde que eu não contasse pra ninguém. (JULIANA, 34 anos, 2018).³

Observei algumas plataformas como Xhamster, Pornhub, Xvideos, Xnxx⁴ e Instagram e após análise dos canais e depoimentos, escolhi algumas atrizes gordas selecionadas a partir de sua visibilidade na Internet, decidi entrevistá-las e, com muita insistência, foi possível conversar com algumas sobre suas experiências com o trabalho que desenvolvem. Apenas três aceitaram dialogar, depois de explicar, mais de uma vez, que o objetivo não era falar sobre suas vidas ou julgá-las de alguma forma, mas compreender a relação entre gordura, sexualidade e desejo.

As entrevistas que consegui foram rápidas, algumas pelo chat do canal em que contatei a entrevistada, com duração média de dez a 15 minutos, com garantia condicionada à concessão de anonimato e não foi permitido gravar nem filmar a conversa.

Acompanhei durante oito meses canais pornô, observando em qual lugar as mulheres gordas estavam presentes, no que tange a

³ Os depoimentos foram recolhidos nas redes digitais, em grupos na cibercultura. Os nomes são fictícios para garantir a privacidade dessas mulheres, durante oito meses de junho a fevereiro de 2018 a 2019.

⁴ Esses são os nomes das plataformas de pornografia que observei.

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

dar prazer e sentir prazer, ou fingir que sente, dentro da visibilidade que os canais transmitem, conhecidas como BBW (*big beautiful woman*), com diversos corpos e posturas.

Decidi focar em mulheres gordas maiores, a partir de 110 quilos, e como eram as práticas sexuais apresentadas nas plataformas. Com o objetivo de compreender a prática sexual mediada digitalmente com corpos dissidentes, no caso, mulheres gordas maiores, acompanhei plataformas específicas, recolhi depoimentos sobre a vida sexual de algumas mulheres gordas e entrevistei atrizes *super sizes* nas redes digitais.

Fiz a opção de utilizar como linguagem e entendimento nesse artigo uma perspectiva distinta da normativa, utilizando, por exemplo palavras como banha, gordura, gorda, etc. sem o estigma normativo que lhes é atribuído. Também busquei compreender uma visão do sexo com gordas distante do estigma de fetiche, de algo ruim, negativo, moralmente construído. Assim, com base na discussão que Judith Butler (2004) propõe sobre as “performatividades *queer*”, com uma reinvenção da linguagem performática, busquei entender essas sexualidades dissidentes e designações negativas sobre o corpo gordo sobre outro ponto de vista.

Estes aspectos serão, portanto ressignificados, reutilizados como propõe Butler, com a inversão desse entendimento–enunciado como político, sob uma interpretação “[...] contestadora e produtiva de um grupo de corpos abjetos que, pela primeira vez, tomam a palavra e reclamam sua própria identidade.” (PRECIADO, 2014, p. 28).

Na análise realizada, foi possível perceber o corpo gordo feminino considerado “abjeto” transformando-se em um corpo de/para deleite, prescindindo da relação falocêntrica e encontrando, na contrassexualidade, existência, resistência, desejo e prazer.

2. Pornografia Gorda

Kulick (2012), em sua pesquisa sobre o pornô de mulheres gordas, explica que o ato de mostrar esses corpos seduzindo o espectador através da ingestão de alimentos calóricos e coloridos, tais como bolos, doces, chantilly, carrega tanto a ideia de excesso quanto de culpa em uma sociedade racionalizada. O que se excede é a razão e a razão, por conseguinte.

A focalização da câmera na penetração ou da vagina e a introdução de objetos, característico dos vídeos pornográficos, são

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

substituídas, nesse caso, pela introdução de alimentos gordurosos na boca das mulheres gordas.

Em sociedades como a sociedade ocidental contemporânea, nas quais a gordura foi sem cessar declarada não atraente, não saudável, não desejável, é tanto cultural quanto psicanaliticamente previsível que deveria haver um retorno do oprimido, na forma de grupos de pessoas para quem silhuetas gordas são o foco da fantasia erótica e da satisfação. (KULICK, 2012, p. 233).

Segundo o autor, corpos gordos e comidas gordurosas e calóricas são abomináveis, proibidas em nossa sociedade, contudo, na pornografia, toda essa negação se torna visível e valorizada. (KULICK, 2012, p. 234).

Talvez esta pornografia mostre que o discurso institucional e hegemônico – que coloca o corpo gordo como uma ameaça à saúde e à vida afetiva – é incapaz de limitar o desejo, que escapa pelas vírgulas dos discursos normatizantes, fugindo dos nossos processos de apreensão, principalmente nos níveis cognitivos racionais e subconsciente. Minha hipótese aqui é a de que este desejo evidencia justamente que o ser no mundo, engajado no fluxo da vida, está longe de responder apenas a processos culturais entendidos como representações mentais, ele ultrapassa a ideia para se inscrever no pragmatismo dos corpos. Neste sentido, o mercado erótico é conservador em suas possibilidades, extremamente democrático, porque dá lugar à pluralidade humana, talvez justamente pela sua finalidade em visar a maximização das cifras. (FIGUEIROA, 2014, p.121).

Por conseguinte, desvendar o consumo pornográfico de mulheres gordas, o *fat porn*, nos faz pensar e se observa: “[...] a discussão sobre o consumo pornográfico de mulheres gordas vai além da fetichização desse corpo, e esse desejo “transgressor” por corpos femininos maiores acontece com muita frequência e em diversos países.” (JIMENEZ-JIMENEZ; ABONIZIO, 2018, p. 14-15).

[...] Eu sou alegre com o que eu faço, não é um pornô igual aos outros, violento com homem penetrando na vagina, no ânus, isso é horrível. Não vou negar, já fiz muito isso, mas não era o que eu queria. O que faço agora é o que eu gosto: comer muito, sentindo muito prazer e usar roupas sensuais, lindas. [...] Antes de decidir fazer isso e ficar rica, comprei meu apartamento, carro e sei falar três línguas, viajo, tenho muitos seguidores, faço o que eu gosto, sofria muito por preconceito, as pessoas tinham nojo de mim e agora elas

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

sentem prazer comigo, [...] meu público só cresce, já ganhei vários prêmios e dou workshop para as meninas gordas que estão começando, ensino que nesse ramo pesar 200 quilos é uma virtude, já engordei 40 quilos depois que entrei na pornografia e isso só me ajudou. Aqui quanto mais gorda, melhor. (LAURA, 32 anos, 2017).

[...] Minha vida é normal como de qualquer outra mulher gorda, sofro preconceito, não caibo nas cadeiras, me xingam nas ruas, não consigo usar o transporte coletivo, os médicos me demonizam, tudo igual, mas com uma diferença, quando eu me arrumo para fazer vídeos, escolho as comidas, a roupa que vou ou não colocar, e ligo a câmera sou a estrela, a top model, a mulher mais gostosa da face da terra, às vezes chego a sentir muito prazer com o que eu faço, é uma forma de falar pro mundo, fodam-se que vocês têm nojo do meu corpo na frente um do outro, porque nas escondidas vocês estão lá batendo uma punheta pra mim. (SOFIA, 26 anos, 2018).

Ahmed (2006) aponta que, se por um lado, esses corpos utilizam de uma performance normativa no que cabe a trejeitos, entonações, feições, vestimentas, por outro lado, é enaltecida a afirmação desse corpo “anormal” gordo. Já outras leituras defendem, de forma diferente, que não se pode mais entender como “normal” na pornografia a penetração heterossexual, característica de uma performance entendida como normativa.:

O coito tornou-se um entre muitos atos das variações do sexo heterossexual e homossexual, tais como sexo anal, felacio, cunilingus, e grandes variedades de fetichismo e sadomasoquismo e confunde a própria ideia do que chamo, perseguindo todos os caminhos. A crescente visibilidade ou inferência da ampla variação de atos sexuais – sejam sugeridos, simulados, ou exibidos como reais nas pornografias hard core – complicaram a noção de sexo como uma verdade singular e visível que se reconhece quando se vê. (WILLIAMS, 2012, p. 28).

Essas mulheres balançam suas banhas, comem alimentos proibidos, parecem reafirmar tudo que é negado socialmente, como forma de exagero, resistência e existência.

Sempre elogiadas nos comentários sobre os vídeos, comparando seu tamanho ao prazer que o espectador poderia esperar, encontrei muitos vídeos com a prática de *facesitting*, que é sentar na cara de uma pessoa e, através do sufocamento, causar prazer:

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

Como uma mulher gorda, tenho meus problemas com meu corpo nu e sexo. Eu questionava se algum dia rolaria de fazer algo como o *facesitting*. Quando comecei a fazer sexo, eu não deixava ninguém tocar minha barriga — então a ideia de abraçar a cara de alguém com as minhas coxas parecia algo mais indicado para outras pessoas. Minhas inseguranças vinham de dentro. Eu olhava meu corpo nu no espelho e me perguntava: Sou gorda demais para esse ato sexual específico? Vou acabar esmagando meu parceiro? (SCRIVER, 2018).

Como citado acima, quando acompanhamos as plataformas Xhamster, Pornhub, Xvideos, Xnxx, as mulheres gordas praticavam *facesitting*, e alguns vídeos alcançaram três milhões de visualizações.

Um, muito visitado, Pornhub com mais de um milhão de visualizações, apresenta duas mulheres nessa prática. São duas mulheres gordas, uma de 130 quilos e a outra de 118 quilos, as quais se revezavam na prática. Com mais de um milhão de visualizações e muitos comentários, uma delas anuncia que tem um canal que cobra pelos minutos para apresentar essa prática do sufocamento a novatos.

Eu gosto de sentar na cara da minha mina e ela também gosta, é um prazer diferente, a língua as vezes passa pelo meu ânus ou vagina, as vezes a ajudo com mais pressão ou menos pressão, a gente se comunica com gestos, e é onde eu me realizo sexualmente com ela, eu nunca tinha feito isso, mas agora é nossa prática principal na cama, já fizemos em vários lugares e situações, sou viciada. (...) Aprendi a gozar com essa prática, antes eu não chegava num clímax que chego com essa prática. (PAULA, 23 anos, 2019).

A naturalização das práticas sexuais em relação à disciplina de uma sexualidade normativa é rompida na maioria dos vídeos observados dessas mulheres super sizes.

Por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais. (FOSTER, 2001, p. 19).

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

Parece existir na pornografia gorda uma sexualidade que não está submetida ao contrato social heterocentrado, já que é uma pornografia que propõe perturbar essa ordem heterossocial.

A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é, em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas (Judith Butler, 2001). Em segundo lugar: a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos Natureza por um contrato contrassexual. (PRECIADO, 2014, p. 21).

Ou seja, é rompido a prática sexual normativa reprodutiva e aparece outras propostas de prazer e desejo que não se encaixam nas práticas sexuais heteronormatizado em nossa sociedade.

3. Contrassexualidade como práticas sexuais dissidentes

A proposta de uma contrassexualidade surge das análises de Michel Foucault (1999), quando explica a sexualidade como produção disciplinar, política, como formas de prazer-saber na sociedade moderna, ~~que~~ na qual entende o sexo como funcional, um regime político-tecnológico para reprodução dos corpos.

Preciado (2014) no "Manifesto Contrassexual", resgata essa concepção do sexo como poder e propõe a construção, valorização de outras práticas sexuais:

A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é, em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas (Judith Butler, 2001). Em segundo lugar: a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos Natureza por um contrato contrassexual. (PRECIADO, 2014, p. 21).

A feminista Gayle Rubin, pesquisadora sobre pornografia, foi entrevistada por Judith Butler em relação a políticas sexuais. Para

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

Rubin (2003b), os grupos não normativos, que não se encaixam no sexo heterossexual, acabam sendo esquecidos nessa discussão. “Não posso imaginar estudos gays e lésbicos que não se interessem por gênero e pela sexualidade e, como você observa em seu trabalho, há muitas outras sexualidades a explorar além do homossexualismo masculino e o lesbianismo.” (RUBIN, 2003b, p. 192).

As práticas sexuais de mulheres gordas observadas nesses oito meses, entre junho a fevereiro de 2018 a 2019, ultrapassam a padronização sexual do pênis entrando na vagina. A sedução e o erotismo são construídos por uma performance sem penetrações — neste caso, do sufocamento, esfregar a vagina na boca da pessoa que está embaixo, e a língua passa na vagina da mulher, com sexo oral e abafamentos da respiração.

Há uma razão pela qual pornografia de “Lindas Mulheres Grandes” está em número 6 nos gêneros mais populares do mundo. Sabemos que, lá no fundo, as pessoas gostam de um bundão para mais pressão, mas as pessoas têm vergonha de admitir, porque já passamos por uma lavagem cerebral para achar que vadias magrelas são deusas. Acredite em mim, elas podem ficar bonitas nas passarelas, mas, quando se trata de sexo, elas sempre serão abafadas pelas verdadeiras profissionais. Além de ser um fetiche, cheguei à conclusão de que pessoas grandes são simplesmente melhores em tudo – incluindo sexo! (STAFF, 2016).

No *Instagram*, em alguns canais, mulheres gordas (de 200 até 300 quilos) comem e balançam seus corpos, banhas, bundas e, principalmente, as barrigas, ao mesmo tempo em que comem doces, chantilly, comidas coloridas e chamativas:

A pornografia de gordura que apresenta mulheres como essas é uma pornografia especializada em mulheres que pesam bem mais de 200 quilos. Algumas das maiores estrelas equilibram a balança acima dos 300 quilos. À parte do puro tamanho das modelos, a coisa que mais chama a atenção sobre esse tipo de pornografia é que as mulheres exibidas não se envolvem em sexo genital. Em lugar disso, posam vestidas de lingerie em seus quartos, de biquínis em seus sofás, nuas em suas cozinhas. Embora mostrem seus seios e traseiros, a maior atenção é focalizada em seus estômagos. (KULICK, 2012, p 226).

Kulick (2012) destaca também que não encontrou, como na minha busca, canais pornô de homens gordos grandes ou negros. Encontrei canal de mulheres negras, mas apenas dois. Chama

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

atenção o fato de o autor afirmar que a atenção é focada no estômago, justamente um órgão invisível.

O critério de pesquisa nas plataformas de pornografia gorda, foram semanais, colocava na busca: mulheres gordas, *super sizes* e selecionava os vídeos com mais audiência e comentários naquela semana.

Para o autor a pornografia gorda rompe com alguns paradigmas não só pela falta de penetração, como também pelo quesito temporal, já que o “sexo normativo” acaba na hora em que o homem chega ao orgasmo. Mesmo que a relação sexual continue, é necessário que aconteça uma nova ereção para haver de novo penetração e gozo.

Na pornografia gorda não tem esses rompimentos, principalmente aquela que estabelece uma relação entre o alimentador e o alimentado. Num dos casos mais conhecidos da *Super size Betsy*, com 300 quilos, ela é alimentada por um funil.⁵ Não existe ponto final, já que a meta é comer, ser alimentada e engordar muitos outros quilos, e o espectador se excita com esse ganho de peso, que pode seguir durante horas, dias, meses.

O sexo aqui não é um ato ou uma série de atos, mas antes um modo criado deliberado de ser estilizado, um ser insistentemente sexualizado que não fica atrás de portas fechadas, mas que sem pedir desculpas exhibe seu prazer em sua vasta superfície, em todos os momentos de cada dia. (KULICK, 2012, p.238).

Esse corpo, socialmente estigmatizado e excluído, é alimentado, erotizado e ganha muito dinheiro por isso, segundo as próprias entrevistadas. Interessante notar que a pornografia gorda não necessita de maneira alguma do pênis do homem para sentir prazer ou realização, já que seu “auto prazer” substitui o lugar do falo masculino:

A pornografia da gordura mostra exatamente isso. Não há qualquer indicação nas imagens que circulam sobre a pornografia da gordura de que o que vai salvar o dia dessas mulheres é o pênis de um homem, ou qualquer outro tipo de sexo genital. Não há qualquer indicação de que elas estejam fantasiando a respeito de chupadas quando comem seu spaguetti, ou que queiram ser fodidas quando

5 No canal Xvideos a atriz e o parceiro apresentam vídeos, onde é alimentada por um funil, e muitas pessoas pagam para assistir a encenação, inclusive acompanham os quilos que a atriz vai adquirindo.

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

consumem seu café da manhã. A posição do falo é aqui usurpada pela comida. (KULICK, 2012, p. 239).

Como um menosprezo ao falo masculino, na pornografia gorda, as lambidas, as banhas se movendo, a comida, o sufocar o que está abaixo, a boca e os carinhos são propostos como outra maneira de entender e sentir o prazer sexual.

Retomamos, assim, o desejo proposto por Guattari e Rolnik (1996), como “(...) todas as formas de vontade de viver, vontade de criar, vontade de amar, vontade de inventar outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valor.” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 215). É o desejo como proposta de estar no mundo de outra maneira.

Gayle Rubin (1993) propõe, em 1975, em “Tráfico de Mulheres”, a abertura da análise das práticas da variedade sexual, defendendo que a sexualidade tem sua política interna, ou seja, a antropóloga pede atenção aos pesquisadores, mas principalmente às feministas, para não se falar em uma sexualidade, e sim sobre muitas sexualidades.

Assim, Rubin (1993) demonstra, impulsionada por Michel Foucault, em “História da Sexualidade II – Uso dos prazeres” (1984), que o ato sexual sempre será político e, portanto, deve-se tomar atenção na construção ideológica e histórica do sexo.

A maioria das pessoas tem dificuldade em compreender que aquilo que fazem sexualmente será repulsivo para alguém, e que alguma coisa que as repele sexualmente é o maior tesouro prazeroso para alguém, em algum lugar. Uma pessoa não precisa gostar ou fazer um ato sexual particular para que este ato seja reconhecido pelo desejo de outros, e que esta diferença não indica a falta de bom gosto, saúde mental, ou inteligência em qualquer uma das partes. A maioria das pessoas se equivoca ao posicionar suas preferências sexuais como um sistema universal que vai ou deveria funcionar para todos. (RUBIN, 2003a, p. 70).

Seguindo esse raciocínio, em que se muda a maneira de entender, perceber e sentir e dar prazer, quebra-se a normatização sexual heteronormativa patriarcal, focada no prazer do homem, e se constrói outra maneira política de dar e sentir prazer, como no caso desta vertente de pornografia gorda, em que o elemento “coito” não faz parte.

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

A filósofa feminista Luce Irigaray (1974) entende que sistemas falocêntricos se sustentam na racionalidade dual moderna cartesiana binária, criada a partir da exclusão e estigmatização do diferente. Essa maneira de entender o sexo é uma das bases do sistema patriarcal heteronormativo, em que o homem é percebido como o provedor e receptor central do prazer, enquanto a mulher está num posicionamento de insignificância, de instrumento, de reprodução passível de proporcionar prazer e só. Dessa maneira, a mulher não tem protagonismo nas práticas sexuais nessa composição capitalística e normativa de desejo.

Falocentrismo é o conceito criado por Derrida (2007), que fez a junção entre "falocentrismo" e "logocentrismo", para levantar críticas a algumas teses de Lacan (1960), demonstrando que uma interpretação ou análise não pode ser apenas de um foco unívoco, é necessário pensar em diversas maneiras de entender a representação do "falo" em nossa sociedade.

Para algumas críticas feministas (BUTLER, 2005); (RUBIN 2010); (SEGATO 2003), como Irigaray (1977), o falo é sempre o único ponto de referência na dominação masculina, o único modo de validação da realidade cultural. O discurso é falocêntrico quando falamos de práticas sexuais, porque toda simbologia, marcas, regras, sensações, validações são masculinas.

Muitas mulheres gordas entrevistadas se reconheciam como homossexuais ou bissexuais, por entender que seus corpos eram mais aceitos e respeitados entre mulheres, com as quais, no âmbito sexual, sentiam mais prazer:

Eu fui casada 22 anos, tenho 3 filhos homens, e quatro netos, depois dos 40 eu não consegui viver mais de regime, academia, eu comecei a engordar e não quis mais ficar no controle o tempo todo do meu peso, beleza, estava extremamente cansada com essa relação com meu corpo, já tinha feito uma cirurgia que me deu muitos problemas de saúde, já tinha feito duas plásticas na barriga e seios depois da cirurgia de redução do estômago, e o que eu ganhava com isso? Meu marido e seu prazer doentio. Nunca senti prazer com ele, ele só pensava nele, era bruto e agressivo na cama, gosta de sexo bruto, e eu nem sabia com 42 anos o que era sentir prazer na cama, pensar no que eu gostava, não tinha com quem conversar. Meus filhos homens, quando viraram adultos, fui perceber a merda de educação que tinha dado pra eles, machistas como o pai, repetindo esse egocentrismo com suas esposas. (...) Aquilo me fazia muito mal, entrei numa depressão profunda, chorava muito e tinha horror que meu marido me tocasse, e depois de 8 meses ele me largou, vem um turbilhão de questionamentos. Eu só valia para ele enquanto estava magra, bela, gostosa? Para quê? Então fui

numa psicóloga, levada pela minha sobrinha de 27 anos, que também é psicóloga e feminista, e minha perspectiva de tudo mudou, comecei a frequentar rodas de conversas, atividades com outras mulheres gordas, e conheci a Izabel e, de amigas, nos apaixonamos e hoje sei o que eu quero na cama, sei como eu gosto, sou respeitada, acariciada, agora de verdade tenho um casamento alegre, tem seus problemas mas a gente apoia uma a outra e aceita o corpo da outra como é, sem culpa, nem exigências. (LUCIA, 52 anos, 2018).

Eu sempre me masturbei e sempre gostei disso, desde adolescente, apesar de ter sido educada numa casa onde qualquer coisa relacionada com corpo, sexo eram tabus, e castigos aconteciam se houvesse a tentativa de falar sobre. Tive dois namorados antes de casar e sempre recorria à masturbação porque com eles não era prazeroso, depois casei e a coisa foi pior ainda, eu gostava de sexo, mas nunca tinha feito algo gostoso pra mim, meu marido gostava de ver filme pornô e aquilo lá pra mim era muito agressivo, ou sem preliminares, eu gosto de preliminares, gosto de que me toquem e não que só enfiem coisas dentro de mim. Ele fazia coisas que eu não gostava e falava pra ele e ele me ignorava, ele gostava muito de sexo anal, oral e me obrigava fazer, eu vomitei algumas vezes, era muito violento e autoritário, eu achava que sexo era pra satisfazer ele, muitas vezes bebia antes de ir para o quarto para fazer tudo e não sofrer, mas depois vomitava. Ele nunca via porque, depois de gozar, caia morto na cama. Um dia estava me masturbando no banheiro e ele entrou de repente, foi em casa buscar um documento e me viu excitadíssima, tirou a roupa e me comeu tão forte que fiquei toda machucada, ele falava: vai, sua vadia, é disso que você gosta né? Depois daquele dia, se eu já não gostava, as coisas pioraram muito, ele me xingava de puta, vadia, biscate, gorda que gostava de pau, gorda insaciável, dizia que eu gostava daquilo porque me masturbava escondido, foram anos de horror. Uma vez fui internada porque o colo do meu útero virou uma ferida. Ele gostava de enfiar coisas em mim enquanto enfiava seu pinto do outro lado, era horrível aquilo, não sei como morri. Cada dia pior, eu comecei a ter várias doenças, emagreci 12 quilos e quase fiquei magra, mas só que não. Pedi ajuda pra minha filha e ela me ajudou a separar dele, ela depois me disse que cresceu ouvindo o que ele fazia todas as noites, me sinto ainda muito culpada e não sei por que me sinto, agora tomo remédios fortes, vivo com minha filha e descobri que tenho fibromialgia, não gosto mais de me tocar nem ser tocada, mas gosto de olhar mulheres gordas comendo, sem homens, me excita, me conforta e sempre que dá eu vejo. (NEUZA, 46 anos, 2018).

Com 16 anos comecei a sair com uma menina da minha sala e depois transei com alguns machos, mas não dá, mulher com mulher é muito mais minha praia, prazer, desejo e respeito, outra coisa que eu percebo nas relações lesbianas é a aceitação do corpo gordo muito mais flexível do que entre os homens, eles querem transar com

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

as gordas e exibir as magras, nas minhas relações entre mulheres gordas isso nunca aconteceu, a gente se assume, sente prazer, somos amigas. (FABIANA, 26 anos, 2017).

São narrativas, em sua maioria, que expressam uma desigualdade no que se refere ao dar e sentir prazer, respeito com o corpo feminino, com a maneira de entender o desejo do outro.

Se mulheres e homens em grandes contingentes passassem a ter ligações que fossem de igual para igual, sexuais e não violentas, que honrassem o princípio feminino nem mais nem menos do que o masculino, o resultado seria mais radical do que os piores pesadelos do sistema a respeito das “conversões” homossexuais. Um desvio heterossexual em massa no sentido da ternura e do respeito mútuo representaria um verdadeiro problema para o *status quo*, já que os heterossexuais são a maioria sexual mais poderosa. A estrutura do poder teria de enfrentar uma grande transferência de lealdade. Cada relacionamento poderia surgir um compromisso duplo para transformar a sociedade em uma que fosse baseada publicamente no que, pela visão tradicional, eram valores femininos, demonstrando com nitidez que a ambos os sexos agradaria um mundo salvo do domínio masculino. (WOLF, 2018, p. 209).

Preciado (2014) explica que os órgãos sexuais que conhecemos como naturalizado em que as práticas sexuais são do pênis entrando na vagina, existe numa construção biopolítica dessa noção/prática, na qual “(...) a arquitetura do corpo é política”. (PRECIADO, 2014, p. 31). Isto é, o pênis e a vagina são naturalizados pelo sistema heterossexual, quando esses órgãos talvez não sejam, como mostra a pornografia gorda, necessários na prática sexual para o prazer e o desejo. O que surge é um rompimento com a função de reprodução e se apresenta uma desobediência sexual da lógica heteronormativa.

Considerações Finais

Existe uma necessidade urgente de uma proposta ontológica feminista e gorda, ou seja, uma forma de entender, escrever, falar e perceber politicamente o desejo, as práticas sexuais e os prazeres de outro ponto de referência, que não seja mais masculino e de corpos normativos magros, e sim diverso.

Entendo que não se trata de uma proposta contrária a ideia masculina, heterocentrada normativa da prática sexual de reprodução, já que, dessa forma, repetiríamos de julgar o que está

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

certo ou errado, mas da diferença, como explica Irigaray (1985) sobre o termo que ela usa de “diferença sexual”, que podemos entendê-lo, como em Deleuze (1988), com a filosofia da diferença, entendida como uma diferença interna em fluxo, com possibilidades de derrocar o falocentrismo, assim propondo novas construções de significantes e significações.

Percebo, pois, a proposta de pornografia gorda como ruptura do discurso falocêntrico, através de outras maneiras de sentir desejo e praticar o sexo, uma pornografia que explora a sexualidade do ponto de vista dos excessos e do prazer proibido. Enquanto resistência, corpos estigmatizados socialmente em público se tornam propulsores de prazer quando estão no privado, longe dos olhares e juízos socialmente impostos.

As gordas balançam suas dobras, carnes, banhas e constroem formas específicas de corpos imensos, exibindo seus corpos fartos e costumeiramente obscenos, comem alimentos proibidos, ao menos em exagero, ou alimentos do desejo e do pecado, proibidos em nossa sociedade, porque correm o risco de engordar e desobedecer a reprodução dos corpos magros, malhados, obedientes e dóceis, dentro de uma lógica dos corpos dóceis de Michel Foucault (1997).

Essa dupla performatividade que revela a dependência de duas exclusões a comida que engorda e a pessoa que engorda com a comida, reafirmam a negação da norma sob a forma de exagero, do incontido, o incontável, o incabível, do fetiche daquilo que não é bem visto na vida social da sociedade contemporânea. Os corpos dóceis e obedientes rompem com o contrato sexual de reprodução.

Dentro das práticas sexuais proibidas na pornografia inusitada com corpos imensos, é percebido de alguma maneira resistência ao pré-estabelecido e, principalmente, de existência.

A negação ao desejo e prazer por mulheres gordas patologizadas e consideradas como exageros, assexuadas e estigmatizadas em nossa sociedade gordofóbica, obcecada pela magreza (FISCHLER,1995) e pela leveza (LIPOVETSKY, 2016), nas telas das redes digitais da pornografia gorda são procuradas e enaltecidas.

Se as pornografias gordas são “procuradas e enaltecidas” nas “telas das redes digitais”, mas “estigmatizada pela sociedade gordofóbica”, me parece que sim, o prazer por essa sexualidade fica confinado às redes, porque existe um extremo preconceito com as pessoas gordas, a gordofobia.

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Síntesis, 2004. (tradução nossa)

BUTLER, J. *Trouble dans le genre*. Paris: La Découverte, 2005. (tradução nossa)

CANALTECH. **Pornhub**: Retrospectiva de 2019 revela tendências que reinaram no site. 11 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/pornhub-retrospectiva-de-2019-revela-tendencias-que-reinaram-no-site-157623/>. Acesso em 11 mai. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DERRIDA, Jaques. **O cartão-postal**: de Sócrates a Freud e além. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FIGUEIROA, Natália Lima. **Pornografia com mulheres gordas**: o regime erótico dos corpos dissonantes. Revista Pensata, UNIFESP, v.4. n.1, 2014. p.112– 126.

FISCHLER, Claude. **Obeso benigno, obeso maligno**. In: SANT'ANNA, Dd. B. (Org.), **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69–80.

FOSTER, David William. **Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana**. Letras: literatura e autoritarismo, Santa Maria, jan./jun. n.22, 2001. (tradução nossa).

FOUCAULT, Michel **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

IRIGARAY, Luce. **Speculum**: Of the Other Woman. Ithaca: Cornell University Press, 1974/1985. (tradução nossa)

IRIGARAY, Luce. **Sexe qui n'en est pas un**. Now lork: Itaca, 1977. (tradução nossa).

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa; ABONIZIO, Juliana. **Consumo, gênero e sexualidade**: práticas de consumo e produção da diferença. IX Encontro Nacional de Estudos do Consumo. ESPM, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://estudosdoconsumo.com/wp-content/uploads/2018/11/ENEC2018-GT09-JIMENEZ-ABONIZIO-MulheresGordas.pdf>. Acesso em 12 jan. 2019.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda**: gordofobia, resistências e ativismos. 2020. Doutorado (Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO) – Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, MT, Brasil. Disponível em: <http://lutecomoumagorda.home.blog/tese-de-doutorado-lute-como-uma-gorda-gordofobias-resistencias-e-ativismos/>. Acesso 25 jun. 2020.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo, Petrópolis: Vozes, 1996.

KULICK, Don. **Pornô**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 38, 2012. p. 223–240. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19 jan. 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza**: rumo a uma civilização sem peso. São Paulo: Manoele, 2016.

Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais.

PRECIADO, Paul, B (Beatriz). **Contrassexualidade**, p. 17-45. In: PRECIADO, Paul, B. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RUBIN, Gayle. **Tráfico de Mulheres**: notas sobre a "economia política" dos sexos. Recife: Edição SOS – Corpo, 1993.

RUBIN, Gayle. **Pensando sobre sexo**: notas para uma teoria radical da política da sexualidade, in: Cadernos Pagu, (21), Campinas: Unicamp, 2003a, p. 01-88.

RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. **"Tráfico sexual: entrevista"**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 21, 2003b. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332003000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 abr. 2017.

RUBIN, Gayle. Le marché aux femmes. Economie politique du sexe et systèmes de sexe/genre (1975). In: RUBIN, G. Surveiller et Jouir. Anthropologie politique du sexe. Paris: EPEL, 2010, p. 54.

SCRIVER, Amanda. Guia de facesitting para gordas. Sexo, 10 dez, 2018. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/mbyppnn/guia-de-facesitting-para-gordas. Acesso em jan. 2019.

SEGATO, Laura, Rita. **Antropología y psicoanálisis**: posibilidades y límites de un diálogo. In: Série Antropologia, 330. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

STAFF, Hornet. **Porque Pessoas Gordas Transam Mais & São Melhores Nisso** (NSFW). 11 janeiro 2016. Disponível em: <https://hornet.com/stories/pt-pt/porque-pessoas-gordas-transam-mais-sao-melhores-nisso-nsfw/>. Acesso em 27 fev. 2018.

WILLIAMS, Linda. (ed.) **Porn Studies**. Durham, Duke University Press, 2004.

WILLIAMS, Linda. **Screening Sex**: revelando e dissimulando o sexo. Cad. Pagu no.38 Campinas jan./jun. 2012.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.